

Entre “inhos”, “udos” e “columbófilos”: formação de palavras nas aulas de Língua Portuguesa.

Profa. Dra. Denise Salim Santos (UERJ)

Resumo: Este estudo tem como objetivo propor uma reflexão sobre a abordagem dos processos de formação de palavras nas aulas de língua portuguesa bem como apresentar uma possibilidade de se trabalharem os estudos morfológicos não só no aspecto descritivo de seus elementos constitutivos e suas matrizes, mas também destacando a relevância dessas unidades na construção de sentidos de um texto. Aqui se privilegia a exploração do humor como recurso expressivo presente, ora em construções neológicas, ora fruto de escolhas entre formações já existentes. Constituem o *corpus* desta pesquisa crônicas jornalísticas de João Ubaldo Ribeiro, publicadas no jornal “O Globo”, aos domingos. Escolheu-se o gênero crônica por apresentar características do registro coloquial ao mesmo tempo que também proporciona o contato com a linguagem literária. Privilegiam-se os processos de derivação e composição por serem mais produtivos, embora outras formações também se apresentem como recurso de expressividade. Como aporte teórico para o estudo dos processos de formação de palavras servem-nos Antonio Sandmann (1997), José Lemos Monteiro (2002), Margarida Basílio (1996), Valter Kehdi (2001,) além dos compêndios gramaticais de Evanildo Bechara (2009), José Carlos de Azeredo (2012) e Ataliba de Castilho (2010). Para os estudos neológicos contamos com Maria Aparecida Barbosa (1981), Ieda Maria Alves (1990) e Margarita Correia (2012). O aspecto estilístico tem como aporte os estudos de Nilce Sant’anna Martins (2000). Por associarmos processos de formação de palavras à construção de sentidos de humor, sentimos a necessidade do embasamento em Sigmund Freud (1977), Verena Alberti (1999) e Georges Minois (2003).

Palavras-chave: Morfologia – processos de formação de palavras – humor - estilística da palavra.

A escolha do tema

O convívio com as crônicas dominicais de João Ubaldo Ribeiro no jornal “O Globo” chamou-me a atenção para o cuidado do escritor ao buscar a palavra justa, ao garimpar a melhor palavra para compor seus textos.

Com o olhar mais atento, embora não perdesse de vista que as unidades constituintes de um enunciadas são todas cúmplices umas das outras para que o sentido se manifeste plenamente, observei que com frequência significativa o emprego de

sufixos e prefixos agregados a certas bases eram efetivamente os responsáveis pela instauração do humor nos textos ubaldianos. E não só as formações derivadas, mas também aquelas resultantes do processo de composição e de outros processos menos produtivos, porém não menos expressivos dentro dos textos.

Ou seja, foi possível observar que a morfologia aparece como estratégia eficiente na valorização da mensagem. Por meio de mecanismo linguísticos de ampliação, redução, combinação de morfemas e bases, a produção de efeitos de sentido se torna possível, atendendo também ao princípio da economia linguística.

A leitura de Ubaldo nos aponta um humor mais subjetivo, aquele que tenta superar as inquietações interiores por meio do prazer que extrai do ludismo com as palavras, construindo sentidos ora claros, ora jogando com a polissemia instaurada a partir da manipulação das palavras nos enunciados ou dos elementos constitutivos dessas palavras, uma vez que o humor não carece ser claro, objetivo, ostensivo, como sucede com o cômico. Ao contrário, a ambiguidade, muitas vezes é um de seus fortes recursos. O humor pode se derramar pelo texto ou apenas ser sugerido, provocando a participação efetiva do leitor/interlocutor.

Enveredando pela seara da expressividade, focalizando-a como a exploração dos fatos da expressão da linguagem do ponto de vista de seu conteúdo afetivo, isto é, a expressão da sensibilidade mediante a linguagem e a ação dos fatos da linguagem sobre a sensibilidade, nota-se a recorrência com que como João Ubaldo lança mão dos processos de formação de palavras para explorar sentidos de humor em us textos, fazendo-nos reconhecê-los como recursos linguístico-expressivos que não devem ficar restritos ao uso literário e podem ser “descobertos” como parceiros dos alunos de língua portuguesa não só como pistas para compreensão melhor daquilo que leem, mas também como instrumento altamente produtivo na criação de seus textos.

1-O humor pela derivação

O léxico é o conjunto de unidades vocabulares de uma língua. Traz em si o somatório de experiências e de cultura de uma comunidade linguística através dos tempos e, como tal, é um universo aberto, constantemente renovado e ampliado.

A derivação atua eficientemente no trabalho de enriquecimento léxico-semântico, desempenhando funções específicas: tornar possível o uso de um significado já existente em determinada categoria gramatical em universos contextuais diversos que pedem outra classe gramatical, acorde com o sistema linguístico; permitir ao homem atender a sua necessidade de nomear as coisas, os seres, ações e tudo que faz parte do mundo com o qual interage e materializa a subjetividade avaliativa do sujeito-falante, por meio da função expressiva dos processos de formação de palavras -*Se entendermos que o objeto da linguística é o estudo das funções expressiva e apelativa da linguagem, não resta dúvida de que usar os recursos morfológicos para expressar apreço ou despreço é uma importante função da formação de palavras.*(SANDMANN, 1992:28)

Prefixos e sufixos apresentam características comuns. Morfologicamente são formas presas, isto é, têm ocorrência possível quando reunidos a uma base livre, ou autônoma, havendo acréscimo de sufixos a bases presas (minhocofag+ ia). As ideias expressas por esses morfemas são abstratas e de caráter geral, não se referindo isoladamente a entidades do universo biofísicopsicossocial. Somente na unidade do item lexical tais ideias tornam-se plenas.

Quanto maior a generalização contida no afixo, maior a sua produtividade. Semanticamente acrescentam significados, ou matizes de significado, à base. Os prefixos têm maior força significativa, uma vez que apresentam significação externa, oriundos de preposições e advérbios, formas dependentes na língua; os sufixos, por sua vez, possuem significação somente explicitada quando anexados à base. Atribui-se geralmente aos significados contidos nos prefixos relevância semântica, ao passo que, aos sufixos, delegam-se significações de valor meramente gramatical.

Diferenciando-se estruturalmente da composição, a derivação consiste no acréscimo de afixos dotados de significação a uma base geralmente livre. O morfema derivacional pode ser anteposto à base, o prefixo, dando origem à derivação prefixal. A posposição do afixo, no caso denominado sufixo, propicia a sufixação.

Os processos derivacionais - sufixação e prefixação - serão, a seguir, objeto do nosso interesse pelo teor de produtividade na construção do humor nos textos cronísticos de João Ubaldo, verificando a utilização de palavras do uso comum empregadas com esmero pelo escritor e que, na tessitura do texto, dão-lhe tonalidades especiais, um colorido particular, comprometidas em servir à expressividade.

Vejamos alguns exemplos selecionados no *corpus* deste estudo. Com os conceitos sobre derivação prefixal que tentamos explicitar, resta-nos demonstrar a funcionalidade desse processo formativo na construção da expressividade e dos sentidos bem-humorados e/ou irônicos nos textos de João Ubaldo Ribeiro .

Encontramos formações que consideramos relevantes a partir do emprego dos prefixos des-, in-(negativo), com-, anti- , não- , re-, pró- de teor produtivo na língua e nas crônicas que constituem o *corpus*.

Com o prefixo **des-** e **recém-** registramos:

E, de fato , uma briosa equipe médica cortou meu belo pólipo, sem que eu sentisse nada (...) Acordei ótimo, sem pernas, mas ótimo. E sem pólipo. Sem pólipos, aliás, porque _ ho, ho, ho _ haviam achado outro, menorzinho , mas já querendo pôr as manguinhas de fora.

*As pernas voltaram em cerca de duas horas, tudo discorreu esplendorosamente, no primeiro dia. No segundo voltei para casa, onde me encontro no momento, inteiramente **despolipado** e escrevendo em pé. Dizem que Vitor Hugo escrevia em pé, de maneira que estou em boa companhia. Convesço bravamente, embora em posições um tanto constrangedoras. E já dou curtas caminhadas pela vizinhança, com um andar meio suspeito, razão por que quero deixar bem claro que sou apenas um **recém-despolipado**, não se enganem comigo. (1998)*

A possibilidade de novas formações oferecida pelo sistema da língua permite a construção despolipado (**des** + polipado) de base adjetiva. Apesar de apresentar uma formação neológica na forma polipado, o sentido geral é apreendido pelo leitor, em

função de dados contextuais que o escritor cuida em deixar à disposição, ressaltando-se a repetição da palavra primitiva, **pólipo**, na passagem. Ubaldo reaproveita a base secundária despolipado e constrói recém-despolipado, acrescentando-lhe outro prefixo, também produtivo, recém-. A substituição dos prefixos por perífrases ("sem os pólipos" e "com os pólipos extraídos recentemente", por exemplo) altera o teor humorístico da passagem. O tratamento do sério - cirurgia, doença, convalescença- pelo não sério, o fato de ser despolipado, refletido no inusitado e no lúdico presentes nas novas palavras, promovem o prazer do texto, levando o leitor ao riso.

Nas palavras assinaladas a seguir, observamos novamente a estratégia da repetição, agora do morfema prefixal, em sequência, reforçando a significação negativa por ele acrescentada aos radicais para expor as verdadeiras intenções do cronista em relação ao extermínio de pombos. Tais formações neológicas, conjugadas à formação composta **pomboprocessador**, se complementam e ratificam os argumentos apresentados:

Os pombos urbanos malham o dia todo e são imastigáveis. Mas não são inesmagáveis, intrituráveis e infareláveis. Pena de pássaro - você sabia ,bip-bip? - é proteína também. Um pomboprocessador eficaz transformaria rapidamente todos os pombos de qualquer cidade numa pasta de virtudes (1997)

Os prefixos in- e des- muitas vezes apresentam valores sinônimos, sendo des- a forma popular e in- a forma literária, indicando cortesia, polidez, o que nas formas neológicas costuma funcionar com efeito eufêmico. Assim, o riso se dá por conta da tentativa de atenuação de sentido oriunda do emprego do prefixo -des em contraste com a intenção de extermínio das aves que percorre toda a crônica. A dupla negação - advérbio e prefixo - deixa à mostra as propriedades das aves (esmagáveis, trituráveis e fareláveis) excelentes para "processamento".

Vemos a seguir o processo de manufatura de novo item lexical. A partir de prótese e cooperativa, Ubaldo constrói a acronímia coprótese (cooperativa de próteses) - truncamento da base cooperativa, reunido à base prótese- que não satisfaz do ponto de vista do impacto que pretende causar. Recorre, então, aos prefixos, selecionando pró- com seu significado "a favor de " e abrevia a outra base prótese (por truncamento), resultando em Pró-Pró. O ludismo presente na homonímia estabelecida entre o prefixo pró- e a base truncada pró- diverte quem lê, instalando o humor. Tratando o sério de maneira não séria, o cronista conquista o leitor que, desfazendo tensões, diverte-se com o texto:

O PRÓ-PRÓ DO LEBLON

- _ Tu já fez tua prótese?
- _ Que prótese?
- _ Onde é que tu vive, cara, a prótese, pró-te-se, tou falando chinês? Vai me dizer que tu não tá sabendo da onda da prótese.
- _ Ah, sim. Não sei bem se vou fazer, acho que ainda não preciso.
- (...)
- _ Dentro em breve. Meu plano é fundar uma espécie de cooperativa para servir de apoio e incentivo, baratear os custos, conseguir álibis pra mulher do cara não desconfiar, porque tem muita mulher que vai ficar com a pulga atrás da orelha, essas coisas, o sujeito precisa de apoio. Enfim, o trabalho coletivo rende mais, eu sou um idealista, já tenho até o nome da cooperativa.

_ Coprótese?

_ Não, muito careta, tem que ter suíngue. Eu parti do pró-prótese, é mais ideológico, define melhor a nossa ideologia. O nome genérico vai ser Pró Prós Anônimos, cada cidade com o seu. E cada bairro da cidade também com o seu. Vamos fundar o Pró-Pró do Leblon, que me diz?

Em palestra realizada no auditório do jornal "O Globo", em outubro de 1999, João Ubaldo declarou que em muitas e muitas vezes, antes de considerar a matéria pronta "sai cortando adjetivos e advérbios, pois tem a mania de usá-los demais". Portanto, não é de admirar que o volume de formações sufixais seja mais elevado que os demais processos de natureza derivacional, uma vez que, além da adjetivação e a adverbialização, a substantivação e a formação neológica de verbos abundantemente se empregam nas crônicas analisadas.

A expressividade é a evidência de algum traço emotivo de sensibilidade. Os sentimentos que se manifestam em nossa subjetividade podem ser simplificados em aversão ou apreciação, normalmente traduzidas a partir da adjetivação utilizada para determinar, qualificar alguma coisa concreta ou abstrata. Segundo Rodrigues Lapa (1977:106) *a natureza apaixonada do homem faz com que ele passe de um extremo ao outro. Portanto, não surpreende o fato de um mesmo sufixo servir a bons sentimentos ou evoque em nós sentimentos depreciativos.*

O emprego do sufixo -al é tido como elemento de valor poético (eternal, outonal), ou de mero sentido intelectual como em universal, matrimonial. Da variação de sentido, como nos é possível observar, Ubaldo faz uso exatamente para estabelecer o contraponto entre o formal e o informal da linguagem:

*Mas isso até que seria tolerável, não fosse o fato de que uns dois membros do grupo não acreditavam em banhos e desodorantes, de maneira que cada vez que um deles se levantava, éramos engolfados por um futum tão poderoso que se diria estarmos sob um ataque de gás, numa trincheira da Primeira Guerra (...)*Fica aqui a ressalva de que a utilização da graveolência **sovocal** dos rapazes deve ser precedida por um estudo de impacto ambiental porque é possível que morram também pássaros ou até jacarés.

(1997)

O valor poético atribuído ao sufixo -al esvai-se em contato com a base popular sovaco, do mesmo modo que sua combinação como substantivo graveolência, de uso restrito, gera incongruência, daí o humor que se destaca na passagem. Fenômeno semelhante ocorre a seguir:

*Trata-se do que posso rotular de **tremelicação documental**. Não é todo dia, a não ser em bancos, eis que também padeço de bancofobia aguda. Em bancos tremo sempre, inclusive para apertar os botões das maquininhas, tendo às vezes que usar as duas mãos.* 1997)

Com menor produtividade, porém significativo valor expressivo, detectamos no *corpus* o emprego do sufixo **-udo**, que, segundo José Lemos Monteiro (2002:37), só

é empregado quando adjungido a termos menos nobres, incluindo as partes do corpo humano que se prestam a ser objeto do riso, do humor e do escarnecimento:

*Fico imaginando um gringo lendo o jornal sobre a Brazilian Spacy Agency e tendo certeza de que se trata de um esquema para canalizar a flatulência dos habitantes dos trópicos e lançar coprólitos ao espaço em forma de mulheres **bundudas** e messalínicas. (1997)*

*O coronel Ubaldo, meu **façanhudo** avô materno, que nunca chegou nem perto de um avião e ficava inquieto nas raríssimas ocasiões em que algum deles sobrevoava a ilha, era renomado chato de canoa e de lombo de jegue. (2012)*

A formação bundudas dá o sal, o tempero ao trecho, pois contrasta com os outros vocábulos que constroem o enunciado, portadores de bases eruditas ((flatulência- gases; coprólitos- fezes). O cronista conta, mais uma vez, com o trabalho do seu interlocutor para desvendar a ironia que perpassa o texto encoberta pelo emprego de palavras de pouca circulação, mas que começam a ser colocadas sob suspeita a partir do emprego do adjetivo selecionado.

Um outro uso do sufixo **-íssimo** confere à narrativa o tom de ironia, resultante do jogo do dito e do não-dito e da permanência dos dois planos de significação dos quais provém. Explorando um pouco mais a seara dos adjetivos derivados, enfatizamos nesse ponto o emprego dos sufixos superlativos unidos a bases adjetivas tendo como produto outros adjetivos:

*Mais recentemente, gritos de 'utererê'(necessário consultar a academia para classificar e ortografar adequadamente esse novo procedimento parlamentar, mais uma contribuição nossa à cultura, talvez só comparável, ainda que um pouco desfavoravelmente, ao iogurte, **preciosíssima** contribuição que fixou definitivamente a Bulgária na História da Humanidade. (1997)*

Os resultados expressivos atingem a base, intensificando-lhe o significado. Sua utilização, porém, não se restringe ao efeito meramente superlativo. Outros efeitos de sentido são conseguidos, dependendo do contexto:

— Há-há!, o senhor é muito modesto.

(...)

— O senhor é muito modesto, muito modesto mesmo, muito simples.

(...)

— Modesto, **modestíssimo**, muito simples, até mais simples do que eu imaginava. (1997)

A repetição da palavra modesto é um das marcas do coloquialismo presente na crônica *Questões acadêmicas*. Durante todo o texto o adjetivo se faz presente na fala da personagem e estabelece gradação ascendente, através do uso da forma analítica do superlativo, das palavras de reforço, até culminar na formação sufixal modestíssimo, exacerbando o efeito expressivo que não deixa de ser cômico pelo exagero das reações de surpresa da personagem, bem como a forma mecânica de reagir diante do fato

imprevisível: um acadêmico modesto. A surpresa da personagem e a repetitividade ao se expressar geram o riso.

A língua portuguesa apresenta quatro adjetivos que formam o grau comparativo e o superlativo de modo especial e, por isso, os produtos são denominados superlativos anômalos. Reza a gramática normativa que *quando se compara a qualidade de dois seres, não se deve dizer mais mau, mais bom ou mais grande; e sim, melhor, pior e maior* (CUNHA e CINTRA: 1990p. 262). Portanto, pior já é forma superlativa de mau. Ao que parece, porém, a norma linguística não satisfaz expressivamente a João Ubaldo, que lança mão do expediente de acrescentar a bases já superlativas o sufixo -íssimo:

*A gente discorda da imprensa, mas sabe que ela é nós,
ruim com ela **pioríssimo** sem ela* (1999)

Do paradigma dos sufixos de grau diminutivo, o mais recorrente e produtivo, sem dúvida, é -inho e seu alomorfe -zinho pela gama de valores diferenciados que anexa ao sentido da base no processo de enriquecimento expressivo do texto:

a) valor eufêmico

*Mas os americanos preferem a abordagem "supply side", a que ataca, como metaforizaria Joelmir Beting, no sacolé da produção, em vez da venda do consumo, **mercadinho** de quaquilhões e quaquilhões de dólares* (1999)

b) valor depreciativo

*O vestibular de Direito a que me submeti na velha Faculdade de Direito da Bahia, tinha só quatro matérias: português, latim, francês ou inglês e sociologia, sendo que esta não constava dos currículos do curso secundário e a gente tinha que se virar. Nada de **cruzinhas**, múltipla escolha ou matérias que não interessavam diretamente à carreira.* (1998)

c) enaltecimento

*É, mas falei tanto que quase não sobrou espaço para a minha borboleta. As borboletas soem ser seres grandevos (uma **aliteraçãozinha** e um **pernoticismozinho**, só para tirar o recalque)* (1999)

d) afetividade

*Minha sogra **Filhinha, fornidinha** em seus oitenta e poucos anos, esgrimiu sua valente sombrinha contra dois pivetes em Ipanema, tomou de volta a bolsa na base do esbregue (...)* (1999)

e) valor hiperbólico

*Bom, **examezinho** bobo, só que desta feita, não pela boca. Começa pelo dedo, no meu caso o robusto dedo de um médico dos seus dois metros de altura que deve ter algum complexo e se acha nanico.*

_Ai! O que é isso, é um bate-estacas?

*_Ho,ho,ho! Um bate-estacas, grande senso de humor, é só o meu **dedinho**, não demora nada.* (1998)

f) valor irônico

*E, em relação aos diversos entre vocês que estarão decepcionados porque o mundo não acabou (vamos reconhecer que há motivos de sobra para essa decepção, desde a inadimplência à esperança de que a **sogrinha** vá de vez para o inferno. (1999)*

Uma peculiaridade a ser apontada nas crônicas de Ubaldo é o emprego recorrente do sufixo diminutivo aos substantivos que têm como referente fatos ligados a problemas de saúde, fantasma de nosso escritor como suas crônicas deixam transparecer, tentando atenuar a dor, "distraindo o mal" : examezinho, ossinho, dorzinha, neurosezinha, lordosezinha, paranoiazinha, hepatitezinha, etc. A estratégia remete a uma das funções do cômico e, por extensão, ao humor, ou seja, a diminuição da despesa com a sofrimento, escamoteando com o riso a realidade que não agrada.

A variedade de valores significativos não é privilégio dos sufixos diminutivos. Também a possuem aqueles que constroem formas aumentativas:

a. intensificação

*(...) descobrimos que ele tomava a injeção e ela batera na fraqueza.. Certamente- e seus olhos confirmavam isso- porque não respeitava o prazo de 12 horas e estava ali de barriga vazia, **viradão** e **trincadão**, curva glicêmica lá embaixo.
(1998)*

b) valor afetivo

*_ (...) Tu sabe como eu conheci o Nonoca? Ele entrou com o Marcelo Fernando, me deu dois beijos e disse :
"Oi, **sogrão**"
(25, 1997)*

c) valor hiperbólico

*Pois então, agora concentra aí, pensa nela um tempinho, concentra aí. Aquele **mulherão**, aquele boing, aquele, Aiiiiii! ...mentaliza ela de camisola, dizendo "vem cá" (5, 1997)*

a. valor depreciativo

*É a idade, sim. Na opinião do meu confrade dr. Alberto Venâncio Filho, virei este **chorão** porque estou entrado em anos.
(7, 1997)*

e) valor aumentativo

*É por isso que eu tenho inveja do Sampaio, olha ele lá metendo o **mãozão** na loura. Olha lá, olha lá, a mão dele onde tá, que cara-de-pau, cara, em plena luz do dia (14, 1997*

f) enaltecimento

Essa tal de cesta básicas, de que hoje tanto se fala, por exemplo. Migalhas como essas não tinham nada a ver com o que se oferecia nas eleições. Galinha, diz

você? Peru, digo eu. Carne-seca, lembra você? Filé, lembro eu. Costela de porco, sugere você? Pernil, sugiro eu. Moqueca de manjuba, arrisca você? Moquecona de vermelho, garanto eu. (12, 1998)

A função categorial é própria dos sufixos, mas em relação aos sufixos atualizadores de grau diminutivo tal fenômeno não ocorre, ou seja, a categoria gramatical do produto é a mesma da base. Todavia, em se tratando dos aumentativos, encontramos formações que alteram a categoria da base como é o caso de chorar (verbo) + -ão = chorão (substantivo.).

Ainda no nível morfológico acontece, em alguns casos, a alteração de gênero como em mão (feminino) + - (z)ão = mãozão (masculino) ou mulher (feminino) + -ão = mulherão (masculino).

No excerto a seguir, verificamos que as palavras bobalhões e glóriolas criam efeito significativo em função dos sufixos aumentativo e diminutivo que são anexados às bases bobo e glória colocados em contraste no contexto. A temática da velhice é retomada e o cronista expõe de maneira ácida, agressiva até, sua opinião sobre os que a rejeitam, intensificando o aspecto negativo da base bobo, através do sufixo aumentativo, ao mesmo tempo que o sufixo diminutivo reduz a carga semântica positiva do substantivo glória:

*Meu avô materno, o incriticável coronel Ubaldo (...) foi um mestre na velhice criativa. Inclusive para morrer, de que teve um medo danado até sentir aí pelos 90, que estava chegando a hora. Entristeceu-se um bocadinho no começo, mas depois, com um sorriso altamente safado (e sem dentes), declarou que ia morrer e, de certa forma, deitou e morreu numa boa, como quem estava prestes a desfrutar de uma experiência fora do alcance dos **bobalhões** que vivem arrecadando **glóriolas** e tentando ser e ter o que não podem ou não adianta nada. (33, 1999)*

Como vimos, o grupo de morfemas de grau é significativamente relevante na cunhagem dos vocábulos que apresentamos como objeto do riso. Neles se encontra o ponto de irradiação da ironia e humor pela carga significativa acrescentada às bases a que se unem.

2-Composição e humor

A composição como processo de formação de palavras caracteriza-se pela junção de bases que constituem uma unidade de significação, em que um dos integrantes não pode ser suprimido sem que a unidade significativa se desfaça.

Por essa definição parece fácil identificar a formação composta. Não é, porém, tão simples assim. Ao estudarmos a composição, a primeira divergência trata da distinção entre o vocábulo composto e a locução.

Embora haja exceções, considerar-se-á vocábulo composto aquele que atender às seguintes especificações que exploram, cada uma a seu tempo, critérios diversos: o morfológico, o sintático, o semântico :

- a) constituir construção fechada, isto é, não admitir a intercalação de quaisquer elementos entre as bases que os formam, sejam eles outras bases, ou até sufixos derivacionais ou flexionais. Sendo assim, o conjunto de bases que admitir a flexão no primeiro componente será considerado uma locução e não um vocábulo composto;
- b) apresentar impossibilidade de troca de posição entre os elementos constituintes;
- c) apresentar impossibilidade da supressão de um dos elementos (o qualificador) uma vez que a supressão comprometeria a unidade significativa do composto;
- d) somente ao último elemento do composto é possível acrescentarem-se os sufixos flexionais e derivacionais.

Empregando a estratégia do humor para sinalizar o que destoa das convenções da sociedade e que precisa ser corrigido, característica funcional do cômico, o cronista não perde a oportunidade de chamar a atenção para a descaracterização da língua materna. De tempos em tempos, quando surge oportunidade, recupera o tema e, com finíssima ironia ou humor escancarado, traz à tona o problema dos modismos linguísticos, seu uso indiscriminado e muitas vezes desnecessário, principalmente no que diz respeito aos estrangeirismos adaptados ou não ao sistema da nossa língua. Vejamos uma passagem da crônica *Meu Amarelo Manteigabicho*:

*Eu ia escrever como se diz na **língua-patroa** , my yellow **butterfly** mas na qualidade de pioneiro (candango, aliás: pioneiro é o Homem) em nosso acelerado processo de integração na comunidade norte-americana , pensei, pensei , pensei e resolvi que seria exagero querer que todo o povo brasileiro passasse a falar bem inglês , assim de uma hora para outra [...]. Vamos primeiro nos acostumando à rica sintaxe da **língua-patroa** , que, ao contrário do nosso tartamudear **neandertalesco** , raramente admite adjetivos pospostos aos substantivos (o português admite e até costumeiramente os aconselha e ensaia para ver nuances de significado nesse **troca-troca** indecente de lugar na frase , perda de tempo cretina , o atraso é um horror .(1999)*

O autor, ao fazer a tradução dos constituintes do termo inglês *butterfly*, percorre caminhos hilariantes até chegar a algumas formações compostas em português que, por serem fruto de um trabalho de tradução literal das bases que formam o vocábulo estrangeiro, resultam em significantes inusitados que o leitor não costuma encontrar. A quebra de continuidade causa surpresa, leva ao riso. Butterfly, para nós, é borboleta, simplesmente. Percorrendo a significação literal das bases na língua, Ubaldo chega a construções como mosca-manteiga, bicho-manteiga, manteigabicho, butterbicho. Nota-se a presença do lúdico na composição dessas palavras, assim como na oposição língua-patroa / língua materna.

Nomear coisas e fatos novos que surgem no mundo biossocial provoca constante ampliação do léxico. A terminologia científica merece nesse caso especial

atenção quando se estuda o léxico de uma língua. Se para o falante comum a discussão ou a necessidade de estabelecer uma relação entre significado e significante – arbitrariedade ou motivação do signo linguístico – é irrelevante, de certa forma, para a linguagem científica já não o é. Torna-se necessária, na medida em que a criação lexical, para atender à nomeação de um novo fato, precisa estabelecer a univocidade entre significado e significante, ou seja, para cada unidade de conteúdo nova, somente um significante. Nas ciências descritivas como a biologia, a geografia, a física, essa possibilidade unívoca viabiliza eficientemente a atividade técnica e científica.

O signo criado tem como base um conhecimento anterior do conteúdo a ser expresso. Normalmente os termos são constituídos pelos teóricos da área científica e autorizados quanto à propriedade da construção por linguistas, utilizando bases gregas e latinas, já amplamente conhecidas e disseminadas no campo do saber, buscando-se a universalidade da terminologia técnica. João Ubaldo, mais uma vez se desvia da norma e imprime a marca de humor no seu texto, ironizando discursivamente a “clonagem” dos termos chimpanzé e homem. Em vez de utilizar radicais gregos ou latinos (*antrop(o)-* e *homo-*, por exemplo), prefere empregar as bases existentes em ampla circulação na linguagem cotidiana.

Em se tratando de clonagem ainda não efetivada pela ciência, que se tenha dados divulgados pelas *media* e a possibilidade de sua ocorrência, instaura-se a necessidade de construção de um termo para nomeá-la. Aproveita-se Ubaldo das bases que denominam as espécies em clonagem - chimpanzé e homem - e cria chimpanzomem. Poderia ter usado a justaposição de formas, chimpanzé-homem ou homem-chimpanzé, mas com certeza não teria alcançado o efeito discursivo pretendido, que conseguiu ao recorrer à aglutinação das bases. A incongruência da formação neológica reflete a preocupação com as consequências dos avanços científicos na seara de clonagem de células humanas, mas sem perder a oportunidade de explorar o discurso do humor.

3- Concluindo

Procurei, neste estudo, mesclar o conhecimento sobre os processos de formação de palavras com a possibilidade de explorá-lo nas atividades de língua portuguesa de maneira mais útil e significativa, tanto para alunos como para professores. Sensibilizar-nos para a potencialidade expressiva dos recursos linguísticos em nosso atos de interação, principalmente por meio da modalidade escrita da língua, não deve ser recurso exclusivo dos grandes escritores ou dos profissionais da palavra.

Em lugar de apenas segmentar palavras e nomear processos, e transformar o conhecimento gramatical em um aglomerado de nomes e regras, pude exemplificar que há muito mais a dizer sobre prefixos e sufixos e palavras compostas que as definições que frequentam os livros didáticos, ainda muitos deles, nos informam. Construir, descobrir sentidos muitas vezes “entrelinhados” pode ser um desafio interessante e, ludicamente explorados, grandemente produtivos nas aulas de língua portuguesa.

4-Referência bibliográfica

- ALVES, Ieda Maria . *Neologismo. Criação Lexical*. São Paulo : Ática ,1990.
_____. *Aspectos criativos da linguagem: a neologia lexical*. In (org) VALENTE, André ,
Aulas de português: perspectivas inovadoras. Petrópolis: Vozes, 1999.
- AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha. 2008.
- CORREA, Margarita e ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. *Neologia em português*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- .CUNHA,Celso & CINTRA , Luis F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*.7 ed. Lisboa: Ed. João Sá da Costa, 1990.
- MARTINS, Nilce Sant'Anna. *Introdução à estilística. A expressividade da língua portuguesa*. São Paulo: TA Queiroz. EDUSP, 1989.
- MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*.4 ed. campinas: Pontes, 2002
- SANDMANN, Antonio José. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor,Ícone,1989.
- _____. *Morfologia lexical* . São Paulo: Contexto, 1992
- _____. *Morfologia geral* . 3 ed. São Paulo: Contexto, 1997.
- SANTOS, Denise Salim . *Os processos de formação de palavras: a alquimia do riso na crônica jornalística de João Ubaldo Ribeiro*. Dissertação de mestrado/UERJ: Rio de Janeiro, 2000 (digitada)